

Eleições presidenciais no México – valores e símbolos de uma campanha

*Irlys Alencar Firmo Barreira**

Introdução

O mundo inteiro acompanhou com expectativa e curiosidade as escolhas presidenciais inerentes às eleições mexicanas, ocorridas em 2 de julho de 2000¹. No chamado contexto histórico latino-americano, o México era visto como reduto ou sobrevivência de um autoritarismo que parecia anacrônico, face às exigências atuais da democracia moderna, entre as quais impunha-se a necessidade de processos eleitorais abertos, com possibilidades reais de alternância do poder (Bobbio, 1986).

Expressões de curiosidade e expectativa não eram destituídas de razão. O processo eleitoral mexicano esteve, durante longo tempo, circunscrito a um campo político definido fundamentalmente pela hegemonia partidária do PRI, no poder por mais de 70 anos. As lutas entre autoritarismo e democratização permearam continuamente a política explicitando-se, de modo mais evidente, em momentos eleitorais, vistos pela maioria da população como assunto digno de descrédito: corrupção, uso abusivo da máquina governamental e fraudes. A legitimidade dos processos eleitorais estava, portanto, condicionada ao crescimento objetivo das chances reais de vitória da oposição (Aziz, 1998) e conseqüente alternância dos espaços de hegemonia partidária.

Supondo-se que uma das faces da democracia caracteriza-se pela existência de um campo político competitivo, com probabilidades reais de substituição ou renovação de representantes, é possível dizer que os resultados das eleições presidenciais de 2000 traduziram, de fato, o que já vinha sendo apontado por cientistas sociais como transição política. Transição já

* Professora titular da Universidade Federal do Ceará, doutora em sociologia e pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Política/PRONEX.

¹ As eleições realizadas em julho de 2000 foram permeadas por escolhas no âmbito da presidência da República, da municipalidade e da Assembléia Legislativa.

previamente delineada em circunstâncias anteriores, através do crescimento gradativo da oposição em diferentes espaços do poder nacional. Sob o signo de um processo de disputa bastante competitivo, as últimas eleições presidenciais tornaram-se um espaço importante de observação sociológica e antropológica, não apenas do ponto de vista do desempenho das forças políticas envolvidas, mas da perspectiva das representações culturais e símbolos acionados nesse momento. Que valores estiveram em disputa na referida campanha eleitoral? Que perspectivas apontadas para um país como o México estiveram se contrapondo? Essas foram as questões iniciais que motivaram as observações de pesquisa sobre as eleições presidenciais mexicanas, realizadas durante a fase mais acirrada da campanha². A explicitação de alguns pressupostos de análise torna-se relevante no prosseguimento das discussões aqui formuladas.

Eleições e valores políticos – alguns pressupostos de análise

Entendo que as eleições, de modo geral, não obstante a variedade de contextos sociais e políticos, são mobilizadoras de visões de mundo ou valores que visam a justificar um princípio de validação dos postulantes a cargos de gestão no cenário público (Barreira, 1998). A construção das candidaturas advindas das diferentes posições existentes no campo político não se separa, nesse sentido, da existência de princípios gerais e crenças que reforçam os ideais de execução da política. Crenças construídas em um circuito mais amplo que inclui percepções sobre a esfera política em suas múltiplas dimensões, servindo de suporte ao que Habermas nomeou de legitimidade, ou seja, reconhecimento na esfera pública do que é considerado justo e correto (1984).

Os momentos eleitorais são especialmente ricos para se pensar as conexões que se estabelecem entre os fenômenos da cultura e da política. Os apelos à mudança, fortemente convocados nas eleições presidenciais mexicanas e a construção de um ideal de transição constituem parte de uma história fundamentada em conteúdos culturais e políticos.

² A pesquisa sobre as campanhas presidenciais realizada por mim e Daniele Nilim no período de 2 a 4 de julho, na Cidade do México, consistiu no acompanhamento de vários rituais, leitura sistemática de periódicos, observação de programas televisivos, além de consultas a bibliotecas e entrevistas feitas com participantes dos comícios, estudantes, intelectuais e representantes do Instituto federal Eleitoral. Nesse momento agradeço o apoio intelectual e material de Lúcio Oliver Costilla e Lilian Barragan, imprescindível à realização da pesquisa.

As variadas estratégias de campanha, com seus apelos simbólicos dirigidos a segmentos diferentes da sociedade, em situações de convergência ou divergência, são sintomas de que o fenômeno eleitoral abarca temas e comportamentos complexos. Nessa direção, as reflexões de Hector Tejera (1998) chamam a atenção para a distância entre a participação política do eleitor e as expectativas projetadas pelas organizações partidárias em momentos eleitorais. Uma compreensão mais abrangente da ‘cultura política’ do eleitorado indicaria as razões do descrédito no sistema político, bem como a emergência do carisma como um dos pontos definidores das preferências do eleitorado.

A inclusão nas análises sobre processos eleitorais de representações culturais para a compreensão dos fenômenos políticos coloca em cena a presença cada vez mais forte de aspectos simbólicos que, antes de serem meros adornos, ou simples estratégia de propaganda, corroboram para o entendimento da própria constituição da política em seus diferentes momentos.

Algumas características do contexto eleitoral mexicano são importantes no aprofundamento dos dados aqui apresentados.

O contexto eleitoral mexicano – um campo político de disputas

As campanhas eleitorais presidenciais de 2000, efetivadas na Cidade do México, caracterizaram-se pela intensa participação e mobilização presentes nos noticiários, periódicos e nas formas cotidianas de sociabilidade. Tudo se passa como se a política conformasse uma sazonalidade, referente ao momento anterior e posterior às eleições³. A própria economia apresentou flutuações cambiais, através da subida crescente do dólar e ‘volta à normalidade’, no dia seguinte aos resultados eleitorais. Entrevistas com especuladores sobre os efeitos do resultado das eleições na política econômica eram freqüentes, funcionando como argumento de que a continuidade do PRI no poder poderia ser a garantia de que não haveria mudanças radicais e temor sobre os rumos dos investimentos comerciais e industriais. A rigor, o México vivia um momento de intensa disputa⁴, realizada

³ A esse respeito ver as discussões de Palmeira e Heredia sobre o tempo da política como categoria explicativa para entender a ritualidade sazonal da política.

⁴ As eleições para a presidência colocaram em confronto os seguintes partidos: Partido Revolucionário Institucional – PRI; Partido Ação Nacional – PAN; Partido Revolução Democrática – PRD; Partido Democracia Social – PDS; Partido de Centro Democrático – PCD. Na realidade, somente o PRI, PAN e PRD estavam em condições efetivas de disputa, sendo as forças partidárias mais significativas do campo político mexicano.

dentro de um quadro partidário desigual, porém mais equitativamente distribuído que em períodos anteriores da história do País, a exemplo do crescimento do PAN e PRD no âmbito da Assembléia Legislativa e chefia do governo de Estado.

Um resumo das principais propostas políticas dos candidatos de maior concorrência⁵ torna-se importante para que se compreenda os discursos que subsidiaram as forças políticas por ocasião do processo eleitoral.

PRI – O Partido Revolucionário Institucional, que teve como candidato Francisco Labastida, apresentou em seu programa de governo as seguintes propostas: projeto baseado na Constituição de 1917; compromisso do partido e do Estado com as causas e demandas das classes populares e médias; separação entre Estado e igreja; luta pela igualdade entre homens e mulheres; combate às diferentes formas de discriminação física étnica e religiosa; defesa da pluralidade cultural do povo mexicano, afirmando o compromisso com os povos indígenas;

PAN – O Partido da Ação Nacional, que teve como candidato Vicente Fox, mencionou em seu programa os seguintes princípios de gestão: segurança; reforma para tornar as instituições eficazes e enfrentar a impunidade; ética e moralidade para transformar as estruturas; integração do poder judicial pela via do voto; impulso à educação pública gratuita; escolaridade para todas as crianças; computador em todas as escolas; melhoramento das condições de trabalho para os mestres.

PRD – O Partido da Revolução Democrática, que teve como candidato Cuauhtémoc Cárdenas, apresentou os seguintes itens em seu programa: conclusão das reformas do Estado eliminando os vícios do presidencialismo; conquista da plena autonomia do Instituto Federal Eleitoral, conclusão da democratização do DF através da municipalização de delegações, obtenção da paz definitiva em Chiapas e reconhecimento do acordo de San Andrés; dissolução do Estado-Maior, modernização das Forças Armadas e resolução dos conflitos na UNAM.

Estas foram propostas anunciadas nos meios de comunicação e repetidas nos comícios e diversos atos de campanha. A rigor, as propostas

⁵ Um dos resumos das principais propostas das candidaturas com maior poder de concorrência encontra-se na revista *Época* n. 473, 26 de junho de 2000.

programáticas tocavam em pontos semelhantes, com claras alusões aos chamados “problemas mais candentes” do país. Nessa perspectiva, o conflito em Chiapas, o narcotráfico, os fraudes eleitorais e a corrupção funcionavam como espécie de palavras-chaves das diferentes propostas de campanha, não obstante elas estarem fundamentadas em princípios políticos não similares. Eram discursos que se reportavam aos *problemas, identificação das suas origens e propostas de solução*.

A trama do jogo de forças eleitorais esteve, inicialmente, na tentativa de construir a singularidade de cada proposta partidária, preocupada com a identificação dos “problemas gerais”: o aceno às possibilidades de mudança e a demonstração das potencialidades de ganho. As disputas estiveram, no entanto, circunscritas a uma longa história de origem e desenvolvimento do poder político mexicano.

A longa permanência de um partido na presidência, o qual se autodenominava como representante legítimo da revolução mexicana, terminou fazendo das inúmeras sucessões eleitorais um ritual de validação de postos governamentais instituídos. Essa era a concepção de analistas que apontavam o descompasso entre a legitimidade revolucionária e o reconhecimento da importância dos processos eleitorais. Segundo Meyer (1995), o grande partido político governamental surgiu para ordenar postos públicos e não para competir com débeis adversários. O verdadeiro poder, nesse sentido, não surgia das urnas mas dos sindicatos, organizações camponesas, burocracias e empresas estatais, além do exército.

As eleições de 1994 no México já apresentaram, entretanto, um quadro diferente no qual se observava a emergência de forças de oposição, ainda que com possibilidades limitadas de vitória. O processo eleitoral de 1997, por exemplo, foi significativo pela vigência de um sistema de concorrência com partidos que vinham se fortalecendo ao longo do tempo: PRD e PAN (Aziz, 1998). As eleições de 1997 suprimiram, assim, o grande déficit de competição que tiveram as eleições de 1994, marcadas pela grande desigualdade entre PRI e oposição. As disputas eleitorais, ao longo dos últimos anos, caracterizavam-se também pela explicitação de ideologias e demandas que marcam contemporaneamente os países do Terceiro Mundo, incorporando os temas do neoliberalismo da atuação maior do Estado na implementação de políticas sociais.

As mudanças mais radicais experimentadas nas eleições mexicanas efetivaram-se, na realidade, a pouco mais de uma década, tendo-se em conta que até 1985 o PRI não havia perdido um só posto para governador de Estado ou cargo no senado. Observou-se ao longo dos anos, uma per-

da de hegemonia do partido do governo que se refletiu em onze chefias de governo nas mãos da oposição, incluindo a da Cidade do México, que constitui o segundo cargo mais importante do país (Laredo, 2000).

O contexto das últimas eleições presidenciais explicitou com nitidez o aumento da competitividade, rompendo com a idéia muitas vezes propalada na imprensa e no senso comum de que o PRI não deixaria que outro partido ganhasse. Na realidade, votava-se contra o regime, votava-se para fazer valer o próprio voto e votava-se para legitimar os princípios de livre escolha. As eleições, dessa perspectiva, foram expressivas de um “rito de passagem” com fortalecimento de instituições e atores voltados para a construção de uma outra temporalidade.

As campanhas para a votação livre, as denúncias na imprensa e o “aprendizado do voto” nas escolas primárias foram exemplos de inúmeros rituais de validação que apresentavam um México maduro para a democracia. Segundo as próprias palavras do presidente Ernesto Zedillo: “Faz muitos anos, do meu ponto de vista, que nosso país está maduro para assumir plenamente a democracia. E um dos temas que se percebia, com certa razão, como incompleto era a maturidade democrática do país no que se refere às questões eleitorais” (entrevista concedida à *Época* em 26/6/2000).

A construção de uma simbologia política permeou diferentes momentos da campanha para as eleições presidenciais, razão pela qual constitui o fio condutor das reflexões deste artigo. Três aspectos servirão de guia às discussões sobre a campanha eleitoral: os ideais de mudança, as estratégias de validação e reconhecimento do processo eleitoral e os ritos de campanha como espaço de construção de uma identidade nacional.

Simbologias da transição: mudança com responsabilidade, mudança verdadeira e mudança possível.

Os discursos construídos em torno de um ideal de mudança congregaram a maioria dos apelos dos candidatos, incluindo o próprio partido do governo, PRI, para quem a reeleição representaria a “mudança com responsabilidade”.

O candidato pelo PAN, Vicente Fox, para quem as referências à mudança eram parte constitutiva de seu *slogan* ‘Aliança por el Cambio’, assim se pronunciava: “Eu proponho uma mudança com prudência, justiça e inteligência, que permita dismantelar as raízes do poder, saciar as justificadas ânsias de verdade, levar o ajuste de contas até onde for neces-

sário para restabelecer o passado e sentar as bases para um melhor futuro. Só assim reconstruiremos o País sem violência” (Cantú, 2000 p.49).

Os apelos a uma considerada ‘verdadeira mudança’, em oposição ao que era denominado de simulacro, foram também bastante fortes no discurso do candidato Cuauhtémoc Cárdenas pelo PRD: “Temos que estar juntos para mudar o país. Em 2 de julho temos uma mudança fundamental, uma opção entre candidatos do sistema ou uma alternativa distinta. Labastida é o candidato do continuísmo, da corrupção e continuísmo com o narcotráfico e o crime organizado. Fox representa a reforma salinista. Eu os convido a votar em um governo com patriotismo e honradez” (discurso proferido por ocasião do debate no canal 40 em 25/4).

A necessidade de viabilizar a mudança de poder esteve principalmente catalisada no discurso de candidatos representantes da oposição. A idéia de mudança foi apresentada nas diferentes propostas programáticas e no princípio do voto útil, apelo que permeou toda a campanha do início ao fim. Nesse caso o voto útil, baseado nas “reais possibilidades de vitória”, passou a ser defendido pelo candidato Vicente Fox, que tinha maior percentual de intenção de votos projetado nas pesquisas.

As evocações sobre a necessidade de mudança e o candidato que afirmava ter condições de viabilizá-la formavam a lógica das estratégias e do jogo de forças constitutivo da disputa eleitoral. Ao PRI, apresentado pelos adversários através da imagem de um dinossauro, contrapunham-se os candidatos que se diziam representar mudanças apresentadas, de um lado, como “viáveis” ou de outro, postuladas como ‘verdadeiras’. O campo político, nesse contexto, movia-se tanto por tendências expressivas de diferentes forças sociais, como por uma concepção dualizada que construía as candidaturas através dos símbolos de permanência ou mudança.

Muito embora os ideais de mudança, convergentes com um desejo coletivo de alternância do poder, estivessem presentes nas campanhas dos candidatos, o medo de situações inovadoras revelava um paradoxo, já apontado na análise de Winocur (1997), sobre as eleições de 1994. O lugar ocupado pelo PRI, como expressão de unidade nacional e promotor de certezas da vida cotidiana teria, ao longo do tempo, impedido a canalização da vontade de mudança nas escolhas eleitorais. No contexto das eleições de 2000, as dimensões simbólicas da transição política estavam presentes no candidato que se apresentava como alguém que faria a mudança ‘com moderação’ e ‘responsabilidade’. O candidato Vicente Fox apresentava-se, assim, como uma espécie de terceira opção capaz de mediar o

desejo da mudança e o temor pelo caos, encarnando também o princípio do voto útil.

O voto útil

Na medida em que o quadro eleitoral mostrava-se cada vez mais competitivo, a idéia do voto útil entrava como argumento de pressão sobre as escolhas, gerando conseqüentes formas de adesão e contestação. Os argumentos contra o voto útil poderiam ser resumidos nos seguintes itens: favorecimento às candidaturas consideradas mais aliadas ao regime e associação entre escolha política e viabilidade eleitoral. O voto útil servia de principal bandeira de luta do PAN, gerando uma série de questionamentos publicados principalmente na imprensa jornalística. A matéria com o título “Para que serve e o que é o voto útil?” continha a seguinte argumentação: “a mudança de que o País necessita está em outra parte”. “A esquerda deve votar e chamar a votar a todos, pelo projeto que garante um governo democrático, atento à justiça social e ao bem-estar das minorias, que está comprometido a impedir a destruição neoliberal e que se propõe a promover os valores da autêntica solidariedade social, a pluralidade, a igualdade, a tolerância e o respeito aos direitos humanos dos mexicanos. Este é o voto útil”⁶. Também, em muitas ocasiões, o candidato Cárdenas tentou substituir a idéia de voto útil pela concepção do voto consciente, baseado em “posições ideológicas e não em intenções estatísticas”.

A divulgação ampla das pesquisas constituía fonte de argumento para o voto útil, contribuindo para a crença na possibilidade de mudança condicionada a candidaturas com maiores intenções de voto. A título de exemplo, uma entrevista em programa de televisão feita a Cárdenas, 15 dias antes das eleições, já o colocava como candidato derrotado. Perguntas insistentes e incisivas, sobre como o candidato pensava reverter o quadro das intenções de voto, geravam de sua parte argumentos de que não “desacreditava das pesquisas”, mas havia a margem de indecisos e sua candidatura estaria crescendo, a julgar pela multidão presente em comícios em outros Estados do país.

Os apelos à mudança representaram um troféu simbólico em torno do qual cada candidato buscava, por diferentes meios, afirmar os ideais de um país em transição e perfeitamente apto para a democracia.

⁶ Ver Polanco-Díaz, Relação inexorável entre predição e profecia, revista *Memória*, junho de 2000..

Validação do processo eleitoral – a busca de reconhecimento

As discussões e as práticas institucionais, mobilizadoras do princípio da livre escolha e da garantia de sustentação dos resultados eleitorais, caracterizaram parte significativa das eleições mexicanas. Nesse contexto, o rumor e a denúncia de fraudes pela compra de votos, que ocupavam com muita frequência a imprensa jornalística e televisiva, repercutia na construção de estratégias e formas de controle, por parte das instituições, sobre as transgressões eleitorais.

O rumor de fraudes nos jornais e nos noticiários televisivos, provenientes de denúncias efetivadas principalmente por moradores de vários Estados, incluindo as zonas rurais, delimitava posições e emprestava um lugar de excelência ao Instituto Federal Eleitoral. Em entrevistas no noticiário televisivo, representantes do IFE mencionavam a possibilidade de fraudes, referindo-se às ações que poderiam ou não ser enquadradas nessa classificação. Tratava-se da denúncia de coação ou compra de votos, percebida sobretudo entre setores que participavam de programas sociais governamentais.

As discussões sobre os fraudes, no curso das eleições, tiveram imediatamente um caráter político na medida em que serviam de denúncia ao PRI, considerado principal ator no processo de coação e compra de votos. As eleições poderiam, nesse sentido, ser consideradas como objeto de uma dupla campanha: aquela referida ao candidato e a outra relativa à validação do próprio processo eleitoral. As discussões sobre a existência potencial de fraudes colocavam o Instituto Federal Eleitoral em uma situação de alerta e necessidade de imprimir sua defesa através da comprovação de eficiência, conforme palavras de um de seus representantes: “Eu sinto que já não se fala tanto em fraudes, comparando-se os anos 70 e 80, onde realmente o fato era notório... O IFE fez um programa contra a coação do voto, um *spot*. O governo não tem nenhum representante dentro da estrutura do IFE ... se Fox ou Cárdenas falam de fraude estão falando eleitoralmente, porque eles mesmos aprovaram a escolha dos conselheiros. Nós já tivemos eleições muito limpas desde 1994. O problema que se tem são as zonas onde a votação não é democrática como as zonas indígenas e outras onde o processo eleitoral ainda não se instalou. Eu acredito que o governo vai aceitar os resultados eleitorais”. (Funcionário do IFE, Entrevista concedida à autora em 20/6).

A validação das escolhas eleitorais teve no IFE sua expressão mais nítida de legitimação, na medida em que essa instituição apresentava-se

como espaço neutro e dotado de uma civilidade moderna acima das querelas partidárias⁷. Trata-se de uma credibilidade que já vinha se firmando gradativamente desde as eleições de 1997, momento em que o PRI perde o governo do Estado e sua maioria na Câmara dos Deputados. A vitória da oposição em julho de 2000 atuou, portanto, como elemento de credenciamento do IFE e legitimação simultânea do próprio processo eleitoral.

Uma outra face menos institucional e mais simbólica da busca de reconhecimento do processo eleitoral refere-se aos apelos dos candidatos a uma identidade nacional referenciados nas formas de apresentação dos rituais de campanha.

Observando os rituais – a simbologia da identidade nacional

As campanhas eleitorais, de modo geral, caracterizam-se pela apresentação de rituais que visam construir a idéia de representação política (Barreira, 1998), sendo as campanhas mexicanas expressivas na utilização de uma simbologia peculiar, na qual dinâmicas culturais entram fortemente em ação.

Os rituais constituem um componente importante e expressivo da história de todas as sociedades, sendo o México um dos exemplos significativos, sobretudo se atentarmos para o modo como teatraliza sua história cheia de fatos heróicos e mitos. Vogt (1977), seguindo as indicações teóricas de Cohen considera que os rituais no México contemporâneo estariam divididos em rituais de reiteração e rituais de consolidação, cujas funções principais seriam as de permitir a convivência entre forças conflitivas, a exemplo da própria mistificação oficial do PRI.

Mais que representar um partido, as campanhas eleitorais presidenciais buscavam fazer de sua insígnia uma representação do próprio país, acionando mitos de nacionalidade e buscando referências históricas capazes de recuperar os enredos de uma nação marcada por ideais de revolução, sentidos de pertinência ou identidade. As insígnias eleitorais reportavam-se a esse aspecto: Aliança pelo México – PRD, Aliança pela Mudança- PAN e as cores da bandeira mexicana, presentes na logomarca do candidato do PRI, eram comprovações de que os ideais de nação estavam nesse momento sendo fortemente acionados.

⁷ Para uma discussão sobre os dilemas da parcialidade e imparcialidade do IFE ver Schedler Andreas em “incertidumbre institucional e inferências de imparcialidad: el caso del IFE”.

Falava-se nesse momento em nome da nação, em nome dos excluídos, fazendo com que a posição de uma corrente de opinião aparecesse como representativa do todo. Acusações contra o neoliberalismo e contra as desigualdades sociais eram recorrentes, estando presentes em discursos e diversos tipos de rituais de campanha que buscavam valorizar princípios de uma identidade nacional.

As estratégias discursivas desenvolvidas pelos diferentes candidatos situavam-se na busca de acenos de renovação, convivendo com os princípios de uma nação emergida da revolução. Para o PAN, a alusão a “princípios revolucionários traídos” era acompanhada de uma crítica moral e afirmação de uma necessária entrada do país na era da globalização. Da perspectiva do PRD, os princípios revolucionários considerados desvirtuados eram exemplificados nas formas corporativas de dominação, capazes de reforçar privilégios e romper com ideais mínimos de soberania e democracia. O PRI, enquanto partido “herdeiro da revolução”, buscava sinalizar os valores de uma nação emergida desse fato histórico, a qual somente ele se dizia capaz de representar.

As referências a uma história real ou mítica fazem das eleições presidenciais um momento oportuno de reforço de identidades. As alegorias do nacional, fortemente apresentadas nos ritos de campanha de Vicente Fox, estiveram também evidentes em outras candidaturas, através de discursos e imagens. Um dos momentos de construção simbólica de unidade nacional referiu-se às giras em diferentes estados do País, que indicavam atividades fortemente presentes na agenda de candidatos. Nesse sentido, parte da propaganda eleitoral, veiculada na televisão, mostrava a recepção calorosa dos candidatos apresentada como sinal de identificação e proximidade entre candidato e eleitores.

As campanhas redesenhavam um amplo tecido nacional, elaborado através da presença de candidatos em Estados e localidades, seguiam rumo a um fluxo crescente de atividades que desembocavam na capital. A Cidade do México passava a ser o local de desagudouro das campanhas, finalizadas no momento limite designado pelos prazos legais. Assim, os grandes comícios na capital absorviam o fluxo crescente de eventos que transitavam de forma apoteótica até os “cierres de campanha”, marcados pela presença ampla do público concentrado em espaços estratégicos da cidade.

A análise dos ritos de campanha permite verificar o estabelecimento de redes de comunicação e de ordenamento cotidiano que dão inclusive sustentação ao poder. A esse respeito, a campanha presidencial do PRI no

México, em 1998, segundo Lomnitz Adler (1990) explicitou as práticas culturais e hierarquias que são constitutivas do Estado e se revelam em rituais de campanha. Estes rituais, na perspectiva dos autores, demonstravam a convivência de uma utopia democrática com um sistema social hierarquizado, cuja ambigüidade gerava evocações e discursos em torno de um projeto nacional.

Essa perspectiva de apresentação de um projeto, dotado de tal magnitude, suscita reflexões sobre o tema complexo da identidade nacional.

Identidade nacional – sob o signo das campanhas

As discussões de Lafaye (1994) sobre o caráter controvertido do conceito de identidade nacional remonta a sua origem fundamentada na reivindicação de nações do Terceiro Mundo, nos anos do pós-guerra.. O desejo de reconhecimento da diferença, que não era senão a alteridade cultural, fundava-se também na crítica das políticas indigenistas vigentes no México e Brasil. O conceito de identidade, segundo a visão do autor, está fortemente vinculado ao conceito de nação, participando tanto da visão constitucional dos direitos de cidadania, como da idéia de reconstrução nacional, advinda da revolução mexicana. Alguns ícones dessa memória, como as campanhas de alfabetização (Vasconcelos), as telas de Diego Riviera, os monumentos erguidos a Cuauhtémoc e a Juarez, ambos indígenas, demonstravam notáveis esforços para criar uma memória nacional. Na opinião de Lafaye, o caso mexicano é um exemplo, entre muitos outros, das ambigüidades e polissemias contidas na noção de identidade nacional, na prática referente a uma unidade distante da diversidade presente na vida social.

As estruturas narrativas contidas nas construções do nacionalismo advindas de histórias oficiais ou histórias que visam contar o passado operam, segundo Gabayet (1994), de forma semelhante ao mito, também fruto de uma dupla versão. Na primeira versão, a história o México nasce com o território Azteca, perde sua independência no século XVI e a recobra em 1821. Nessa perspectiva existe continuidade e identidade entre o México Azteca e o México moderno, ambos integrantes da mesma idéia de nação. A grande revolução mexicana sinalizaria, nesse sentido, a batalha contra os inimigos da nação e o ressurgimento das tradições dos povos indígenas. A noção de reconquista da territorialidade perdida restabeleceria o mito fundador, funcionando como negação da existência da colônia.

A outra versão, contrária à anterior, percebe a nação mexicana criada a partir da legitimação do domínio espanhol, sendo o gesto da independência uma expressão de fanatismo religioso. Nessa reconstrução, a língua, a religião e as tradições que vieram da Espanha são consideradas a verdadeira estrutura da nacionalidade mexicana.

As discussões sobre a identidade nacional estão amparadas em diferentes versões ou memórias retrospectivas de um passado idealizado. A esse respeito é importante evocar as concepções de Anderson (1989) em seu instigante texto sobre nação e consciência nacional. Dentro de um espírito antropológico, este autor considera, que a nação “é uma comunidade imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (p.14). Trata-se de uma construção simbólica que supõe a igualdade virtual entre os homens os quais, muitas vezes, não se conhecem, mas se sentem participantes de uma comunhão de interesses.

Essas reflexões remetem à possibilidade de pensar o processo eleitoral como momento de evocação dessa “comunidade imaginária”, figurada nos discursos apelativos a um ideal de igualdade de sentimentos e propostas para o país. É como se cada candidato, na condição de postulante a porta-voz coletivo, reinventasse simultaneamente um lugar de representante e um ideal de nação. As campanhas eleitorais sinalizariam, também, a construção de um símbolo de unidade nacional, em continuidade com a ideia de revolução (Lominitz-Adler, 1990).

No caso das últimas eleições presidenciais mexicanas, os valores referentes a esse aspecto apareciam no modo como se postulava a defesa de “interesses nacionais”, no modo como acusavam opositores de não zelarem por esses interesses, nos discursos de evocação do passado, nos rituais e nas categorias sociais apresentadas como representativas do país.

Um dos debates televisivos, realizado com o conjunto dos candidatos, ilustra bem esse aspecto: “Hoje você e eu podemos escrever a história, pois temos uma oportunidade única de mudar o país. Com a responsabilidade de estar à frente, convocaremos um governo plural com um ideal comum de nação, um acordo nacional para unir os mexicanos e acender a luz da esperança” (Vicente Fox, debate realizado em 25/4).

Outra circunstância de afirmação de símbolos de identidade nacional vai estar presente no comício de Vicente Fox, realizado na Praça San Angel em 11/6/2000. Nesse contexto é relevante a explicitação de alguns elementos que compunham o cenário. O palanque, disposto defronte à praça, abrigava o apresentador e animador do evento, militantes e tradutor dos discursos para surdos-mudos. Personagens vestidos com trajes típicos

e grupos folclóricos emprestavam significado ao evento que se assemelhava mais a um ritual de consagração de um político que a campanha de um candidato. A afirmação da candidatura de Vicente Fox esteve fortemente voltada para a explicitação de símbolos nacionais”, dos quais ele se dizia ser o maior representante, contra seu maior adversário o PRI, fortemente associado à imagem da revolução mexicana.

A chegada do candidato Vicente Fox ao comício foi celebrada como um momento apoteótico, ocasião onde acontecia a intensificação de saudações e reforço mais ostensivo de jovens de camisetas vermelhas encarregados de manter a segurança. A chegada da caravana à praça foi antecedida da montagem de uma espécie de ritual de transição composto de vários cenários: a presença de cavalos montados por homens e meninos vestidos de *charro*, seguidos de caminhantes que carregavam a bandeira do México, organizadores, coordenadores e fotógrafos. Finalmente, em cima de um pequeno caminhão vinha o candidato em acenos ao público, ladeado pela filha, pelo presidente do partido e candidatos da coligação Pan-Verde. Após a ocupação do palanque, os discursos que seguiram a ordem hierárquica dos participantes, reiteravam a força eleitoral do candidato. Nessa ocasião, o discurso de Ruiz Lopez, candidato a chefe delegacional em Cuauhtémoc apresentava a idéia de que o México vivia hoje uma “revolução traída” pelo PRI e PRD que desconsideraram os princípios de liberdade, justiça e sufrágio universal.

A construção discursiva de uma história cujas fronteiras entre mito e realidade são pouco definidas fazem das eleições presidenciais um momento oportuno de reforço de identidades imaginadas. As alegorias do nacional, mais fortemente apresentadas nos ritos de campanha de Vicente Fox, estiveram também presentes em outras candidaturas, através de discursos e imagens.

A Cidade do México constitui o local de desaguadouro das campanhas, finalizadas no momento limite designado pelos prazos legais. Os grandes comícios na capital iam crescendo de forma apoteótica até os ‘cierres de campanha’, que foram marcados pelo poder de impacto, pelo aparato do cenário, pela frequência ampla do público e por apelos incisivos dos candidatos, que dirigiam as “últimas palavras” aos seus potenciais eleitores. Configurava-se, assim, a teatralidade que Balandier (1999) denominou de “poder em cena”. O próprio lugar de realização dos eventos ilustra bem sua natureza espetacular.

A Praça Zócalo como centro dos atos de campanha

A Praça Zócalo, local obrigatório de visita de turistas, expressa espacialmente, com nitidez, a mistura e convivência simultânea de universos que, ao longo da história do México, foram frutos de intensos conflitos. Junto à igreja majestosa, que corporifica a dominação espanhola, com seus ricos altares talhados em ouro e madeira, emerge a recente descoberta, após a escavação para construção do metrô, de pirâmides soterradas com figuras de serpentes que representam as divisões geracionais dos aztecas. A praça abriga também danças e movimentos de valorização das culturas indígenas, além da venda de produtos turísticos representativos da imagem do país a ser exportada: camisas à venda com fotos e insígnias do subcomandante Marcos, batismos indígenas e comidas típicas.

Os eventos culturais variados tornam essa localidade uma espécie de “centro dos acontecimentos” na perspectiva pensada por Shills (1992), pois é nela que eventos políticos e culturais estão figurados em distintas expressões. Usos múltiplos da praça aparecem na programação de um final de semana: à apresentação do cantor Pablo Milanez, organizada pelo PRI, segue-se uma concentração de professores grevistas, também próximos à montagem de um cenário para uma exposição das poesias de Adorno.

Além da praça ser um espaço de condensação de eventos culturais e políticos, do ponto de vista arquitetônico ela é, de fato, o local onde se concentram o Palácio do Governo e o Palácio da Presidência, referências constantes no discursos de candidatos que se diziam próximos a ocupar tais edificações, situadas bem defronte aos palanques dos comícios de encerramento. Foi sobretudo nessa praça que aconteceram os maiores eventos de campanha dos candidatos à presidência da República, sendo o próprio lugar considerado como “coração da cidade” ou “coração do país”. A praça tinha, de fato, a peculiaridade de congregar os atos de campanha realizados em todo o país, sendo uma espécie de espaço-síntese finalizador dos rituais e encontro metafórico do futuro presidente com o “povo mexicano”.

Na perspectiva de ser um “lugar” na acepção descrita por Augé (1999), a praça era também considerada um espaço de resistência, compondo o cenário arquitetônico do centro, no qual também se festejam os grandes rituais da cidade, como a festa da independência. Os comícios de encerramento dos candidatos à presidência, na medida em que buscavam

acercar-se de patrimônios culturais historicamente construídos, tomavam a praça como espaço por excelência de afirmação das campanhas.

Alguns discursos pronunciados por ocasião dos comícios de encerramento são reveladores das evocações a uma identidade nacional. O candidato Francisco Labastida assim pronuncia suas últimas palavras aos eleitores: “aos que vieram ao México sejam bem-vindos, pois serão testemunhas de uma eleição sem mancha e da vitória de nosso partido... não se dará um passo atrás, nem nos avanços da revolução, nem nas conquistas sociais... desde este balcão ou Palácio Nacional, o partido da revolução, nosso partido, voltará a comunicar-se com o povo do México. Porque vamos ganhar, lhe convido desde hoje ao nosso próximo encontro: nos veremos à noite de 2 de julho para festejar nosso triunfo. Aqui também nos veremos, no próximo 1 de dezembro quando entrarmos no Palácio Nacional”.

Em outra circunstância, Amália Garcia, presidente do PRD, assim iniciou seu pronunciamento no encerramento da campanha de Cárdenas: “companheiras queridas amigas, não cabe dúvida que iniciamos uma longa marcha pelo país. Somos herdeiras desse processo”... “Somos herdeiros daqueles que nos anos 30 fizeram a soberania dos mexicanos. Lázaro Cárdenas deu o petróleo para os mexicanos. Essa soberania foi também conquistada pelo nosso povo. O PAN e o PRI compartilham da mesma concepção política, e o que está hoje em disputa são dois projetos de nação”. O discurso reportou-se também à guerra espanhola, à união encabeçada por Morelos e às divisões políticas presentes desde o século XIX.

O candidato vitorioso, Vicente Fox, em seu comício de encerramento da campanha conclamava seus potenciais eleitores ao fortalecimento da tradição democrática: “Hoje temos a oportunidade histórica de mudar nosso País, não vamos deixar para depois o que se pode fazer hoje”. O candidato panista, acompanhado de um coro de vozes que gritava: *boy, boy* iniciou seu discurso falando na miséria de crianças e mulheres vítimas de um governo injusto. “Por isso estou aqui para governar com a fortaleza de milhões de mexicanos”. Em suas palavras finais, o candidato à presidência dizia que representava “o futuro do México, dos filhos do México e que iria resgatar a Cidade do México”.

Além das evocações, feitas de modo genérico ao conjunto da nação, algumas categorias sociais como jovens e mulheres foram fortemente acionadas como participantes fundamentais do processo eleitoral. Eram categorias que funcionavam como espécies de protagonistas ideais de uma comunidade eleitoral imaginada.

Jovens e mulheres – categorias constitutivas de uma identidade imaginária

Os ideais de mudança presentes no discurso dos diversos candidatos eram dirigidos principalmente a categorias sociais que, de algum modo, sugeriam possibilidades de renovação do poder. Trata-se de jovens e mulheres, conclamados a participarem do processo eleitoral integrando a maioria das falas na condição de ‘vítimas’ de ‘carências sociais’ e políticas.

Tais invocações discursivas não se deram por acaso. Na realidade, é sintomático que os apelos de mudança tivessem nos jovens e nas mulheres um dos principais interlocutores. As mulheres, que representavam um percentual expressivo de votantes, eram vistas como força emergente na política, enquanto os jovens eram percebidos como expressão do futuro contra um sistema considerado caduco. Além da nomeação freqüente dessas categorias, nos diferentes atos de campanha, cada candidato tinha uma parte específica de seu programa dirigida a jovens e mulheres. No caso das mulheres, destacava-se sobretudo, a perspectiva de direitos sociais, enquanto entre os jovens as propostas referiam-se à educação e ao emprego. Os jovens eram também considerados vítimas potenciais do neoliberalismo e seus efeitos negativos sobre a geração de oportunidades econômicas. De acordo com o jornalista Jorge Ménendez, os jovens entre 18 e 24 anos que estavam em condições de votar, somavam onze milhões, correspondentes ao dobro dos jovens votantes nas eleições anteriores. Esse acréscimo de votantes jovens, tendo em vista a competição acirrada, poderia, segundo ele, definir os resultados eleitorais.

Além dos discursos, rituais específicos exemplificavam o apelo feito a determinadas categorias sociais durante as campanhas. Um dos episódios significativos da evocação a participação das mulheres nas eleições aparece através do evento denominado “Mujeres con Cárdenas” em 14/6/2000.

Na praça chamada El Toreo de Cuatro Caminos, o evento “Mujeres con Cárdenas” reuniu cerca de 20.000 mulheres de diferentes localidades. A praça, costumeiramente usada para touradas tinha o formato de arena, com uma platéia ao redor de um centro que nesse momento estava dividido em cenários distintos. Um conjunto musical, um grupo teatral de mulheres vestidas como enormes bonecas e um palco para o candidato e representantes políticas do PRD compunham o cenário para onde convergiam todos os olhares. Enormes cartazes e faixas eram indicativos desse momento: Viva México PT/PRD: “somos milhões com Cardenas”, “nosso coração para Cuauhtémoc”, “a mulher presente a legislar com o povo”,

“com a valentia da mulher- Maria Dolores” etc. Eram geralmente faixas provenientes de várias delegações expressivas de organização de mulheres, provenientes de localidades próximas à cidade do México, além de agremiações políticas como a “Organização Revolucionária Emílio Zapata”.

O evento iniciou-se com uma apresentadora que buscava misturar o anúncio da presença dos artistas com a menção à chegada de autoridades. Sua fala era permeada de aclamações ao candidato Cárdenas feitas através de versos rimados e cânticos (*porras*) incitadoras de entusiasmo. Alguns deles faziam parte das manifestações que geralmente acompanham os eventos na cidade: “se vê, se siente, Cuathemoc presidente”, “já chegou já está aqui, quem vai tirar o PRI”, “si, se puede, si, se puede”. Outras gestualidades, como a de cerrar o punho levantando a mão, eram acompanhadas da expressão “duro, duro”, referindo-se à força política do candidato.

Após a apresentação de músicas, seguiu-se a entrada da delegação de mulheres do PRD, sucedida do candidato acompanhado de assessores e segurança. Cárdenas foi recebido com fortes saudações e chuvas intermitentes de papel colorido que brotavam das arquibancadas mais altas. Pronunciaram-se antes do candidato a escritora e periodista Guadalupe Loaeza, a chefe de governo Rosário Robles, a dirigente nacional do PRD Amália García, entre outras. A maioria das falas referiam-se à crença na vitória do candidato, geralmente antecedida da expressão “tengo la corozonada....”, presente em adesivos e faixas alusivas à condição intuitiva da mulher.

Alguns discursos mencionavam a participação do candidato nas eleições de 1988 que lhe deu uma vitória solapada pela existência de fraude eleitoral. Outro discurso referiu-se a todos os constituintes de 1917 e os revolucionários mortos “que hoje se vivos estariam falando da traição à pátria”. Rosário Robles afirmou que “Cárdenas governaria com as mulheres. “Queremos um governo de idéias claras. Com Cárdenas teremos um país seguro, livre, transparente, uma pátria para todos. Recuperaremos o México para os mexicanos, o presente e o futuro de nossos filhos”. Uma representante do movimento de mulheres, Rosário Ibarra, apresentada como “lutadora social” afirmou: “Tenho o coração maltratado por culpa do mau governo. Em 1988 roubaram o trunfo de Cárdenas, mas agora o povo não é o mesmo”. Uma das participantes enfatizou a presença da mulher no governo de Cárdenas, que tinha como uma de suas características a incorporação de um número expressivo de representantes do sexo feminino nos postos de direção.

O candidato Cárdenas iniciou seu discurso com uma saudação e agradecimento às mulheres enfatizando seu propósito de consolidar direi-

tos sociais (reconhecimento do trabalho doméstico, entre outros) e luta contra a discriminação sexual.

As evocações às categorias de jovens e mulheres, presentes nas campanhas presidenciais, são significativas de uma crescente participação destes segmentos sociais no âmbito das eleições mexicanas. Atuam também como parte significativa de uma comunidade imaginada de interesses expressivos de um ideal de modernidade.

Conclusão

As últimas campanhas eleitorais mexicanas solidificaram a dinâmica da competição democrática, elaborando por diferentes vias, discursos que enfatizavam a importância da participação política. As conexões cada vez mais estreitas entre mídia e política colocaram, também, algumas complexidades no espaço de difusão de propostas no cenário público.

Sob o prisma da produção de imagens, a credibilidade no candidato esteve submetida a critérios peculiares de produção e recepção de bens simbólicos. Nessa perspectiva, a construção de rituais com seu aparato discursivo e seus mecanismos de atração do público, atuaram como fonte imprescindível de legitimação das candidaturas à presidência.

Em uma perspectiva mais ampla, a difusão de propostas eleitorais não obedece somente a interesses peculiares a cada candidatura. Se os candidatos vinham a público prestar contas e difundir propostas é porque as exigências de regras democráticas demandaram também um trabalho de representação, construído com base nos investimentos de natureza instrumental e simbólica, que objetivavam o reconhecimento e a legitimação do candidato no cenário público.

Nessa forma de compreensão, o processo eleitoral representou um momento especial de expressão de disputas controladas, ou conflitos mediados por rituais, que consagraram diferentes espaços de elaboração da política. No conjunto das disputas os ideais de mudança, amparados fortemente na afirmação do voto útil, articularam-se aos princípios de identidade nacional.

A “comunidade imaginária” mexicana era construída mirando o passado, mas com um olhar voltado para o futuro. Nessa perspectiva as eleições presidenciais mexicanas de 2000 realizaram um intercâmbio entre passado e futuro, acenando para ideias de mudança, através de um discurso sobre o México do passado acompanhado de um ideal de nação que precisaria entrar no “fluxo da modernidade” e globalização, dialogando

com o “vizinho do norte”. O troféu simbólico das últimas eleições esteve, portanto, na capacidade de unificar essas diferentes temporalidades.

A competitividade apresentada por ocasião das últimas eleições presidenciais e a desconfiança geral sobre a aceitação dos seus resultados marcaram o que passou a ser nomeado, pela imprensa e intelectuais, de “transição política” para um regime democrático. As campanhas eleitorais dos candidatos foram, por conseguinte, mediadas pela busca de afirmação legítima do processo eleitoral, caracterizado pelo medo e ameaça real ou efetiva de fraude.

É possível dizer que o processo eleitoral nas eleições de 2000 singularizou-se pela existência de três pontos básicos: os acenos à mudança, as estratégias de validação dos resultados eleitorais e o modo como cada campanha fundamentou sua proposta através da difusão de ideais de uma nação moderna em conexão com seu passado.

Bibliografia

- Anderson, Benedict – *Nação e consciência nacional*, trad. Lourenço de Oliveira, ed. Ática, São Paulo, 1989.
- Augé, Marc – *Não lugares, introdução a uma antropologia da supermordenidade*, Papirus, Campinas, 1994
- Aziz, Alberto – *México 1997: una elección de alta competencia*, Comunicação & Política, Cebela, Rio de Janeiro, 1998.
- Balandier Georges – *O poder em cena*, Minerva, Coimbra, 1999.
- Barreira, Irllys – *Chuva de Papéis, ritos de campanha eleitoral no Brasil*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1998.
- Cantú, H. Guillermo, *Vicente Fox propone*, DR ediciones, México, 2000.
- _____. *Identificação versus competência: o debate televisivo nas eleições presidenciais*, Comunicação & Política vol. 5, número 3, Cebela Rio de Janeiro, 1998.
- _____. *Bobbio Norberto – O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1986.
- Costilla Lúcio Oliver – *O Estado latino americano diante da mundialização do capital*, Revista de Ciências Sociais, processos culturais e práticas políticas, edições UFC, Fortaleza, 1997.
- Gabayet, Jacques – *La aparente inocencia de la história*, México, identidad y cultura nacional, UNAM, México, 1994
- Habermas, Jürgen – *Mudança estrutural na esfera pública*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1984.
- Palmeira, Moacir e Heredia, Beatriz - *Os comícios e as políticas de facções*, Anuário Antropológico, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1995.
- Lafaye, Jacques - *Prolegómenos a todo estudio por venir de la identidad nacional mexicana: reflexiones críticas*, México: identidad y cultura nacional, UNAM, México, 1994.

- Laredo, Jorge Buendía—*El elector mexicano en los noventa: un novo tipo de votante?*, Política y Gobierno, nun. 2, México segundo semestre de 2000.
- Lomnitz, Adler, Larissa e outros -*El fondo de la forma: Actos publicos de campaña presidencial del Partido Revolucionario Institucional*, Working Paper 135, March, 1990. México
- Meyer, Lorenzo—*Liberalismo Autoritário, las contradicciones del sistema político mexicano*, Editorial Oceano de México, México, 1995.
- Schedler, Andreas—*Incertidumbre institucional e inferencias de imparcialidad: el caso del Instituto Federal Electoral*, Política y gobierno, vol VII, número 2, Lide, México, segundo semestre de 2.000
- Shills, Edward—*Centro e Periferia*, Difel, Lisboa, 1992.
- Tejera Hector Gaona—*Encuentro de expectativas. Las campañas electorales y la cultura políticas en el Distrito Federal*, Nueva Antropología, revista de ciencias sociales 54, vol. XVI, Plaza y Valdes editores, México, 1998.
- Ubaldi Norma e Rosalía Winocur—*Cultura política e elecciones en México: entre miedos y paradojas* in Rosalía Winocur (coord) *Culturas políticas a fin de siglo*, Juan pablos Editor y Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, México, 1997.